

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO:

*Tres dias em Vigo*, pelo P.º Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O jubileu extraordinario*, Carta Encyclica do N. SS. Padre o Papa Leão XIII.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem-macaco*, pelo P.º F. Sanches (continuação).—SECÇÃO HISTORICA: *Frades vimaranenses illustres*, pelo P.º Antonio José Ferreira Caldas (continuação); *O monumento ao Marquez de Pombal*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!* por um vimaranense.—SECÇÃO LITTERARIA: *Anunciação da Virgem Santissima*, poesia por A. Moreira Bello; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, versão do P.º Lima.—SECÇÃO NECROLOGICA: *O P.º Milleriot*, pelo P.º Senna Freitas.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por D.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 13 DE ABRIL DE 1881

## TREZ DIAS EM VIGO

«Em Vigo? E que fui eu fazer a Vigo?» Seja dada e não concedida ao leitor esta curiosidade indiscreta de devassar a vida privada de cada um.

Poderia responder-lhe como o frade ao barão no dialogo do «juif et le moine» de Edmond About: «não sei e tenho dito.»

Felizmente o meu viver não tem mysterios para ninguem e alguma intimidade, por fim de contas, devo eu conceder aos amaveis assignantes do *Progresso Catholico*, que ha tres annos me fazem constante companhia n'este rincão do periodico e n'esta palestra quinzenal com que os entretenho ou... os enfado. Se lhes disser que, achando-me perto de Vigo, prolonguei uma linha de alguns kilometros de locomotiva até aquella cidade em cata de certos documentos e materiaes necessarios para um pequeno livro de que pretendo fazer-lhes presente, terei satisfeito, quanto basta e *sem exemplo*, á sem cerimonia da pergunta com que me tolheram o passo á descripção, ainda antes de principial-a.

Não foi por certo a curiosidade de conhecer Vigo que alli me levou. Já nos conheciamos *pessoalmente*. Não digo que me fosse equilateral o tornar a vel-a, uma vez que se me apropoitava o ensejo de fazel-o e que o motivo que lá me conduzia era assaz forte para me determinar a passar por cima dos embargos que me punha a saude sempre melindrosa da bolsa...

Quando não houvesse outro motivo, é certo que este meu organismo, desde

que foi remanipulado pela garra inexoravel da doença em terras d'alem mar, carece tanto de diversão, depois de alguns dias de trabalhos intellectuaes, como de ar para os pulmões. E Vigo é uma optima diversão. Não tem nada notavel a não ser ella mesma, mas tanto lhe basta isso.

Não se adereça com atavios e galas de emprestimo; a sua gentileza é nativa, pertence-lhe de raiz; tem o encanto magico d'essas formosuras buriladas pelo buril do divino artista, singelas como as virgens de Murillo, desprezenciosas a ponto de ignorar-se, descarescidas de adornos postiços porque os tem de caça.

Parece uma chromolytographia matizada de luz, côr e paisagens, de muito ceu e muito mar. Desenha-se entre dois infinitos de azul. Envolve-a o azul do firmamento e reflecte-a o azul das aguas. Mas não é mais que uma chromolytographia, porque, se o viajante abstrahir da perspectiva e da belleza do conjuncto, não encontra n'esta cidade monumentos historicos, nem ruinas venerandas, nem templos notaveis, nem jardins publicos de convidar, nem praças desafogadas, nem museus curiosos, nem edificios esplendidos, nem centros de instrucção superior. Nada, por que nada distraia o observador do que constitue o seu grande titulo de gloria, *o seu porto*. Fazem ás vezes os pintores outro tanto; esboçam muito á ligeira os pormenores de um quadro, para que a attenção do observador se concentre toda no personagem ou na scena principal, que esgotou o poder esthetico do artista.

Nasceu Vigo á luz d'esto seculo, como uma flor na primavera, sem passado, mas com um porvir seguro, a seducção. Porque possui a seducção indefinivel

de uma natureza que sorri sempre e que, não estando em parte alguma de um modo sensivel, está em toda a parte. Esta qualidade é innata na perola da Galliza, como o é a luz no sol, o sodio no mar, a seiva fecundante na terra.

Todavia, se não encerra uma pedra sequer digna de menção, merece-a, ainda assim, mais ou menos, o seu gosto moderno e o seu movimento commercial. Digamos d'elle *en passant*.

Semelha Vigo um bazar multiforme, no qual se condensam e interpolam as novidades parisienses e allemãs com os productos da Asia, Africa, America, desde os *gobelins* da rua de Sévres, e dos ricos instrumentos musicos de Dusseldorf até ás lençarias de Tunis e aos chapéus de Cuba.

Combinai essa variedade de estabelecimentos mercantis que exhibem os seus generos quasi em guerra travada de mostrador a mostrador, com um movimento intermittente de mercados, consoante as feiras assentam ou alevantam as suas barracas e tripeças; revesti a rissonha opála do Oceano com os adereços vistosos e typicos da terra, onde sobreleva o azul, o amarello e a côr de grã, que trajam os camponeses e camponezas apinhoados pelas ruas; povoai estas de carregadores e recuas de azémulas que transportam atravez das principaes arterias da cidade cem objectos diversos de trafico; por entre toda aquella multidão equilibrai como puderdes (eu não me encarrogo d'isso) um magote de marujos inglezes, enlacrados pelo *brandy* e pelo *rhum*, escórando-se a custo ás omoplatas uns dos outros; e para que não falte a nota aguda a todo este borborinho sussurrante e confuso, imaginai o pregão estridulo e esganiçado de um rapazola que faz segundo e primeiro ventre de um tableiro de phosphoros

amorphos de Lizarbe, que mette á cara dos transeuntes, o tereis uma ilea tal qual d'essa vida das ruas de Vigo e d'esse tumultuar de gente, que por vezes tem de abrir caminho com os cotovellos, mas onde, apozar do aperto, não se nota uma rixa, um roubo, um desaguisado.

O bom povo da Galliza, sobrio até á admiração, honrado, circumspecto, digno com essa dignidade do areopago atheniense, passa por todas as peripetias do mercado sem destemperos intempostivos, sem abjecção e sem colera. Assim o encontrei sempre.

A vida é uma de manhã, de noite é outra. Ao cessarem as operações financeiras, se o luar convida e a temperatura é amena, Vigo deixa de mercantilizar para passear. Não se passcia em Hespanha como em Paris ou Vienna. As familias saem em grupos maiores ou menores para as praças e logradouros, e desfilam debaixo de um ceu meridional, tão diaphano e tepido qual o da America brasileira, com aquella gravidade e, quasi diria, com aquelle rythmo de locomoção que caracteriza o povo inglez. rapido de dia como a gazella, moroso de noite, em seus passeios, como a lagosta, o mais grave dos ontos que conheço, desde que a vi andar, ou melhor arrastar-se, a través de um dos crystaes do *Aquarium* de Brighton.

E se, alem de todos estes quadros caracteristicos de Vigo, succede, como agora, mover-se no porto uma esquadra, composta de alterosas fragatas, cada uma das quaes tomaria o diametro do Terreiro do Paço, mettendo a prôa no arco da rua Augusta e assentando a pôpa no Caes das columnas, figure-se o leitor se isto é ou não digno de ver-se e recordar-se.

Estamos no porto. Parece que devêra aqui findar o esboçeto que traçamos da perola da Galliza e posso dizer que agora principia.

Vigo é uma cidade, mas é sobretudo uma barra. E' uma jaula de granito e gleba, que encerra uma fera chamada o oceano. Não digo um pequeno braço de mar como encerra qualquer outra barra, digo um oceano. A apothecose d'essa sultana do atlantico é o seu porto esplendido, comparavel aos primeiros do mundo. Sabem-n'o todos, excepto os vigoenses, que só agora começam a suspi-tal-o e a tirar d'elle o partido que devem.

Ha uma especie de consorcio amigavel entre aquelle porto e o mar. Indomito e malevolo como a panthera, abato a juba de escuma, desarruga o dorso, amaina o rugido sinistro e humilha-se ao penetrar por entre as duas paredes de montanhas que lhe abre a

hospitaleira cidade, cujas graças parece requestar. Perde então toda a sua indole forina. Manso sem aviltamento, tranquillo sem despir a imponente grandeza, espadana ao de leve a praia, como o tigre que, sacia-la a voracidade, lambe o sólo empapado de sangue e refocilla-se no lado da victima que empolga entre as garras. Outras vezes dormita immovel, como a placidez dos lagos, no regaço de Vigo, sem se lhe perceber o menor arfar do seio. Dirieis Hercules aos pés de Omphala. Mal se crêra, ao vel-o assim inoffensivo e sereno, que é elle, na phrase de Byron, o eterno indomavel, que se alevanta das profundezas insondaveis dos abysmos para escalar os anteparos das cidades, arrancar os rochedos que lhe resistem e sacudir, como por brinco contra a costa, as embarações pejudas de vidas humanas!

A extensão da barra e porto não tem talvez rival no mundo, dizem-n'o alguns viajantes. Eu por mim ainda não encontrei outra que a iguale (o que não é dizer pouco, valha a verdade).

De um lado e outro avançam para o mar duas linhas collossacs de territorio, accidentando-se em montes, collinas, platós, valles e promontorios, que ora se dilatam ora se estreitam, ora alargam o ambito ao oceano para o receberem, ora se contraem, como dois braços de granito, para abraçal-o, ora dir-se-hia que lhe fogem em torcicolos caprichosos, ora lhe formam bacia como se o quizessem conter todo. Na entrada da barra avultam ilhotas e penhascos abruptos, que resaltam da superficie liquida e contra os quaes o oceano acaba de esgotar a sua sanha antes de vir reclinar-se pacifico sobre a almofada de areia que a praia lho offerece.

O sol estrelleja mil fulgurações ardentes que poem luz e sorriso nas alfombras dos valles, nas alvuras das cazas, nos massiços dos bosques, no cristal ceruleo das aguas, nas amplidões do espaço. E para que a vida não deixe de animar esta marinha mais esplendida que as de Salvador Rosa, devisa-se ao longe a labutação da pesca, as canoas dos «trabalhadores do mar» cruzam-se gravemente no porto em differentes direcções ou maream a vela para se fazerem ao alto, e a gaivota esvoaça pelo litoral, frisando a superficie das aguas, ou inmergindo o bico no seio d'ellas, soffrega do biscato que a açora.

Nasci no meio das ondas, n'uma ilha. As scenas maritimas tiveram sempre para mim um attractivo peculiar. Acrescentar, pois, que gosto de Vigo é ocioso; afirmar que o meu coração em extremo sensível ás magnificencias do Creador, se deleitava com semelhante espectáculo é pleonastico. Mas

ao cabo de trez dias foi mister dizer adeus a Vigo, e agora... digo-o tambem ao leitor.

Caza do Outeiro—Marco de Canavezes.

PADRE SENNA FREITAS.

## Secção Religiosa

### O JUBILEU EXTRAORDINARIO

#### CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE O PAPA LEÃO XIII

*Aos Nossos Veneraveis Irmãos, Patriarchus, Primazes, Arcebispos e Bispos em communhão com a Santa Sé Apostolica e a todos os fieis de Jesus Christo, Nossos muito amados filhos, saude e benção apostolica.*

LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos, e amados filhos:

A Egreja militante de Jesus Christo, a unica que póde outorgar ao genero humano a salvação e a paz, acha-se pela desgraça dos tempos tam gravemente provada que, cada dia que passa, uma nova tempestade se desencadeia e vem assaltal-a; verdadeira imagem da barca de Genesareth, que, enquanto levava a seu bordo a Nosso Senhor Jesus Christo e aos seus discipulos, era violentamente sacudida pelos ventos e fortemente açoitada pelas vagas do mar encapellado. Vam, na verdade, augmentando desmedidamente em numero e forças as phalanges dos inimigos jurados ao nome catholico, e vai crescendo a audacia de suas maquinações; e, não lhes bastando abandonarem abertamente as doutrinas celestiacs, envidam todos os esforços, emponham toda a energia em repellir inteiramente a Egreja da sociedade civil, ou pelo menos em impeccer-lhe toda a sua acção na vida publica dos povos: d'onde resulta ver-se ella, no cumprimento da missão de que fora encarregada pelo seu Divino Fundador, cercada d'attritos por todos os lados, e embaraçada por grandissimas difficuldades.

Os effeitos mais dolorosos d'esta nefanda conspiração veem recair principalmente sobre o Pontifice Romano, ao qual, na realidade despojado dos seus legitimos direitos, e de mil maneiras impedido de desempenhar as suas funções mais augustas e sublimes, apenas se conserva, quasi por irrisão e es-carneo, uma sombra ou apparencia da magestade real. Por esta razão Nós, collocado, como estamos, pela Providencia divina no grau mais eminente do

poder sacro, encarregado do governo da Igreja Universal, havemos d'ha muito sentido e repetidas vezes declarado quanto é ardua e calamitosa a situação a que nos tem arrastado as vicissitudes dos tempos.

Não é nosso intento memorar aqui agora, uma por uma, todas as calamidades que nos opprimem; de todos é, porém, claramente conhecido o que se está passando desde ha muitos annos n'esta Nossa cidade de Roma. Aqui pois, no proprio centro do catholicismo, escarnece-se da Santidade da Religião; ataca-se a dignidade da Santa Sé Apostolica; a magestade pontificia está exposta a frequentes injurias d'homens depravados e facciosos; foram subtraídos ao Nosso poder e cuidados muitos dos estabelecimentos que os Nossos Predecessores haviam, com piedosa generosidade, fundado e transmittido aos seus successores para serem inviolavelmente conservados, nem mesmo se têm abtido de lesar os direitos d'essa Instituição sacrosanta, *destinada á Propagação do nome christão*, instituição que, sendo tão benemerita, não só da religião, mas tambem de todo o genero humano, nunca havia sido violada pelas perturbações calamitosas dos tempos passados; vêm-se muitos templos, destinados ao culto catholico, fechados ou profanados, quando pelo contrario os dos hereges se multiplicam; as más doutrinas propagam-se e difundem-se, de viva voz, por escripto e pelo exemplo, com inteira impunidade; aquelles que se apossaram da direcção suprema dos negocios publicos, empregam-se repetidas vezes em confeccionar leis injurias para a Igreja e para o nome catholico. E tudo isto se passa em presença d'aquelle, cujos cuidados todos devem, por mandado expresso do proprio Deus, dirigir-se a vigiar pela incolumidade do Christianismo e salvar guardar os direitos da Igreja.

Sem respeito nenhum pelo supremo poder do magisterio que reside no Pontifice Romano, desviam e afastam a Nossa auctoridade da propria educação da juventude, e se Nos é permittido—o que se não prohibe a nenhum particular—abrir escholas á Nossa custa para instrucção da mocidade, a violencia e o rigor das leis civis até essas escholas invadem. Este funestissimo espectáculo traz-Nos tanto mais profunda e dolorosamente impressionado quanto mais nos fallecem os meios d'obviar, como é Nosso ardentissimo desejo, a tacs e tantas calamidades. Pois que verdadeiramente mais estamos sujeitos ao arbitrio dos nossos inimigos, do que na posse de Nós mesmos e da Nossa liberdade; e esse pouco uso d'ella que hoje nos concedem não tem um penhor certo e seguro de duração e es-

tabilidade, por isso que a belprazer d'outrem pode ser-Nos arrancado ou, pelo menos, mais restringido.

No entretanto a experiencia quotidiana deixa ver claramente como o contagio do mal vae todos os dias lavrando no corpo da christandade e estendendo-se a maior numero de seus membros. Porquanto, tendo dado costas á Igreja, os povos vao caindo de dia para dia em maiores miserias; e logo que uma vez foi extincta ou se acha debilitada a fé catholica, fica aberto o caminho ao furor e ao delirio das opiniões, e á cubiça desenfreada de novidades e aventuras.

É desprezada a suprema e nobilissima auctoridade d'Aquelle que faz na terra as vezes de Deus, é bem evidente que não ficam mais á auctoridade dos homens freios tam potentes que bastem para dominar os espiritos indomaveis dos rebeldes e criminosos, ou para conter nos seus justos limites o ardente e desmedido desejo d'uma liberdade desenfreada. É por este motivo que a sociedade civil, com quanto já tenha passado por grandes calamidades, está hoje aterrada com o temor de perigos muito maiores.

Para que, pois, a Igreja possa rebater os esforços dos seus inimigos em desempenho e proveito da causa commum, o seu manus, é indispensavel muito trabalhar, muito porfiar e combater: mas n'esta lucta renhida e varia, em que se tracta da gloria divina, e se contende pela salvação eterna das almas, em vão se empenhariam todas as forças e industrias humanas, se os ensinios celestes nos não subministrassem meios accommodados ás circumstancias dos tempos.—Por esta razão, nas difficeis e temerosas conjuncturas em que se tem achado a christandade, sempre costumou ser abrigo seguro nos trabalhos e angustias implorar de Deus com preces fervorosas e especiaes que venha em auxilio da sua Igreja afflicta, e lhe conceda o valor para o combate e a força para o triumpho. Por isso Nós, imitando este costume constante, esta practica excellente de Nossos Predecessores, e conhecendo bem que Deus é tanto mais facil em ouvir-nos, quanto maior for nos homens o grau do arrependimento e o desejo de se reconciliar com Elle, para impetrar os auxilios divinos, consolar e fortalecer os espiritos, por estas Nossas lettras annunciamos a todo o orbe catholico um Jubileu extraordinario.

E assim confiado na misericordia de Deus Todo-Poderozo, na auctoridade dos Bemaventurados Apostolos Pedro e Paulo, em virtude d'aquelle poder de *ligar e desligar*, que Nosso Senhor, apesar da Nossa indignidade, nos ha conferido, concedemos a todos e a cada

um dos fieis Christãos d'ambos os sexos indulgencia plenaria e remissão de todos os seus peccados em forma de Jubileu, com tanto que, dosde o dia 19 de março consagrado em memoria de S. José, castissimo esposo da Bemaventurada sempre Virgem Maria, até o dia 1 de novembro, inclusive, dedicado á commemoração solemne de todos os Santos, os que vivem na Europa, e a contar do mesmo dia até o ultimo inclusive do anno de 1881, os que vivem fóra da Europa, todos e cada um cumpram as obras abaixo indicadas; a saber: que os habitantes de Roma, quer naturacs quer hospedes, visitem duas vezes as Basilicas Lateranense, Vaticana, e Liberiana, e ahi por algum tempo rognem a Deus pela prosperidade e exaltação da Igreja catholica e d'esta Santa Sé Apostolica, pela extirpação das heresias e schismas, pela conversão dos herejes schismaticos e peccadores, pela concordia dos Principes christãos, pela paz e união de todo o povo fiel, segundo a Nossa intenção: e que usando apenas de comidas magras, jejuem um dia além dos dias não comprehendidos no indulto quadregesimal ou d'outros egualmente consagrados ao jejum pelo preceito da Igreja; e além d'isso, tendo feito uma boa confissão de seus peccados, recebam o Santissimo Sacramento da Eucharistia, e prestem, em forma d'esmola, algum auxilio a qualquer obra pia.

E para este effeito, lembramos do modo especial aquellas Instituições cuja protecção ha pouco tempo recommendavamos á caridade dos fieis, em Nossa ultima carta, e sam a obra da *Propagação da Fé*, as da *Santa Infancia* e das *Escholas do Oriente* as quaes estamos muito empenhados e resolvidos a levar e emplantar nas mais remotas o incultas plagas, para obviar ás necessidades ali occorrentes.

Todos os demais fieis d'outras regiões fóra de Roma visitarão duas vezes 3 templos designados pelos Ordinarios dos logares ou pelos seus Vigarios, (Officiaes ou Delegados e na falta d'estes pelos que ahi exerçam a cura d'almas; se houver só 2 templos visital-os-hão 3 vezes, e, se um só, seis vezes no espaço de tempo determinado; e do mesmo modo cumprirão as restantes obras acima prescriptas.

Esta indulgencia queremos se possa applicar por modo de suffragio ás almas que partiram d'esta vida em união de caridade com Deus. Além d'isto concedemos aos Ordinarios dos logares a facultade de reduzir, segundo a sua prudencia lhes inspirar, a menor numero as visitas prescriptas nos Cabidos, ás Congregações tanto seculares como regulares, ás Associações, Confrarias, Universidades ou quaesquer Collegios

que visitarem as egrejas designadas em procissão publica.

Concedemos porém aos navegantes e viajantes o poderem lucrar a mesma indulgencia quando chegarem nos seus domicilios ou a outro lugar onde estacionem, visitando seis vezes a igreja maior ou parochial cumprindo as restantes obras acima declaradas.

Aos Regulares d'ambos os sexos porém, ainda aos que vivem em clausura perpetua, bem como a todos e quaesquer leigos ou ecclesiasticos, seculares ou regulares, que encarcerados, ou enfermos, ou impedidos por alguma causa justa não possam cumprir as referidas obras ou algumas d'ellas, concedemos e facultamos que os seus confessores lh'as possam commutar em outras obras de piedade ou addiar o seu cumprimento por algum tempo; podendo tambem os confessores dispensar da communhão as creanças que ainda não tiverem sido admittidas á primeira.

Além d'isso a todos e a cada um dos fieis christãos tanto leigos como ecclesiasticos, seculares como regulares de qualquer Ordem ou Instituto, ainda d'aquelles de que fosse preciso fazer especial menção, concedemos faculdade de para este fim, poderem escolher para confessor qualquer presbytero secular ou regular contanto que seja approvado; e d'esta faculdade poderão usar tanto as religiosas como as noviças ou outras mulheres que vivam na clausura uma vez que esse confessor seja approvado para Religiosas. E aos confessores por esta occasião e só durante o tempo d'este jubileu outorgamos todas e as mesmas faculdades que por Nós foram liberalisadas em outro jubileu, concedido em Nossas Lettras Apostolicas com data de 15 de fevereiro de 1879 que principiam pelas palavras «Pontifices Maximi», exceptuando todavia tudo aquillo que nas mesmas Lettras então exceptuamos.

E para que os fructos salutaes, que tivemos em vista auferir, mais segura e abundantemente se colham d'este sancto jubileu, todos devem empregar grande cuidado em alcançar a assistencia da Santissima Mãe de Dous, consagrando-lhe obsequios e cultos especiaes durante este tempo. A este mesmo sagrado jubileu confiamos e collocamos debaixo da protecção e guarda de S. José, castissimo Esposo da Bem-aventurada Virgem Maria, a quem Pio IX, Pontifice Maximo de gloriosa memoria, declarou Patrono da Igreja Universal e cuja assistencia desejamos que todos os fieis diariamente implorem com fervorosas supplicas. Além d'isto exhortamos a todos a empregar piedosas romarias aos santuarios que costumam ser venerados em diversas regiões com especial devoção; e entre estes sobre-

saio na Italia o santuario de Nossa Senhora do Loreto, monumento que recorda altissimos mysterios.

Por esta razão ordenamos e mandamos em virtude da sancta obediencia a todos e a cada um dos Ordinarios, seus Vigarios, Officiaes ou Delegados, ou na sua falta áquelles que exercem a cura d'almas que ao receberem as copias ou exemplares impressos d'estas nossas Lettras cuideem logo em publical-as em seus dominios, e bem preparados os povos pela pregação da palavra de Deus, quanto seja possivel, designem a igreja ou egrejas a visitar, como acima determinamos.

Para que porém as presentes Lettras, que não podem ser levadas a cada um dos logares, cheguem mais facilmente ao conhecimento de todos, queremos que as suas copias ou exemplares impressos, assignados por algum notario publico e munidos do competente sello de pessoa constituida em dignidade ecclesiastica em qualquer parte se lhes preste a mesma fé que se prestaria a estas mesmas se lhes fossem apresentadas.

Dado em Roma, juncto a S. Pedro, sob' o annel do Pescador, a 12 de março de 1881, 4.º anno do nosso Pontificado.

LEÃO PP. XIII.

## Secção Scientifica

### O HOMEM-MACACO

(Continuação)

Wallace principia por lembrar que a selecção natural assenta inteiramente sobre a utilidade immediata, relativa só ás condições da luta actualmente sustentada pelos individuos, que compõem uma especie.

D'este principio resulta necessariamente que a selecção não pode produzir, em um ser qualquer, variações prejudiciaes seja no que fôr.

Mas tambem é evidente, continúa elle, que a selecção não pode engendrar uma variação inutil; por isso não pode desenvolver um órgão além do grão de sua utilidade actual.

Ora Wallace demonstra claramente que o homem selvagem possui órgãos, cujo desenvolvimento é completamente desproporcional com a sua utilidade actual, e até faculdades e caracteres physicos inuteis ou prejudiciaes, pelo menos ao individuo.

«Mas sendo demonstrado, diz elle, que estas modificações, prejudiciaes ou inuteis no momento da sua primeira appareição, foram do maior interesse e são agora indispensaveis para o com-

pleto desenvolvimento da natureza intellectual e moral do homem, devemos concluir a existencia d'uma acção intelligente, providente e preparando o futuro, exactamente como succede quando vemos o educador pôr mãos á obra com o fim de obter um aperfeiçoamento determinado em qualquer planta cultivada ou animal domestico.»

E é sobre o desenvolvimento relativo do corpo e do cerebro, órgão da intelligencia, que mais insiste. A estatura do orango, diz elle, eguala quasi a d'um homem de estatura media e o gorilha é maior e mais grosso; todavia se representarmos por 10 o volume medio do cerebro dos macacos anthropomorphos, este mesmo volume será representado por 26 nos selvagens e por 32 nos homens civilisados.

Wallace, porém, não esquece que entre os selvagens (os Esquimaus por exemplo e tambem os Pelles Vermelhas) se encontram individuos, cuja capacidade craniana attinge quasi o maximo da dos povos mais adiantados.

Fundando-se além d'isto nas experiencias e algarismos de Galton, admite que o cerebro dos selvagens está para o do homem civilisado na relação de 5 para 6, ao passo que as suas manifestações intellectuaes estão pelo menos na relação de 1 para 1000. O desenvolvimento material, pois, é totalmente desproporcional com a função.

Aos olhos do illustre viajante, um cerebro pouco mais volumoso do que o do gorilha, seria sufficiente aos habitantes das ilhas Andaman ou da Australia.

Tambem a selecção, segundo elle, não tem que vêr com as faculdades essencialmente individuais e sem utilidade immediata para outrem.

Como é que a luta para a existencia, a victoria dos melhor adaptados e a selecção natural poderiam concorrer para o desenvolvimento de faculdades taes, como as que formam as concepções ideaes de espaço e de tempo, de eternidade e de infinito, o sentimento artistico e as noções abstractas de numero e de forma, indispensaveis á arithmetica e á geometria?

A' fortiori, o desenvolvimento do sentimento moral não pode ser explicado por considerações de utilidade, já individual, já collectiva.

Wallace insiste muito sobre este ponto; cita exemplos demonstrativos de que este sentimento, no que tem de mais delicado e opposto ás noções utilitarias, existe nas tribus mais barbaras da India central.

Do exame physico do homem tira tambem numerosos exemplos.

E' indubitavelmente certo, diz elle, que a selecção natural não podia tirar o corpo nu do homem actual de um an-

## Secção Historica

### FRADES VIMARANENSES ILLUSTRES

(Continuado do n.º 10)

tepassado coberto de pello, porque uma tal modificação, longe de ser util, lhe seria prejudicial. A mão do homem civilisado executa uma infinidade de movimentos, que os selvagens ignoram completamente, posto não haver differença alguma anatomica na estrutura dos membros superiores d'um e outro.

A larynge dos nossos cantores é construida como a dos selvagens; todavia que contraste nos sons que modulam!... De todos estes factos, conclue Wallace que o cerebro, a mão, a larynge do selvagem, possuem *aptidões latentes*, que, sendo temporariamente *inuteis*, não podem ser attribuidas á acção da *selecção natural*.

O homem não pôde dal-as a si mesmo.

Logo, uma intervenção estranha, uma *intelligencia superior*, uma especie de *selecção divina*, é necessaria para lhes explicar a existencia.

Wallace ao emittir esta hypothese declara que ella em nada infirma a *selecção natural*.

«Poucas pessoas haverá, cremos nós, que acceitarão esta proposição, diz Quatrefages. A razão de ser do darwinismo aos olhos dos homens de sciencia, o que mais seduz todos os seus partidarios, é a pretensão, que apregoa, de attribuir as origens organicas, a do homem como a das plantas, á unica acção das causas segundas; de explicar o estado actual dos seres vivos por leis physicas e physiologicas, do mesmo modo que a geologia e astronomia explicam o estado actual do mundo material só pelas leis da materia. Fazendo intervir uma *vontade intelligente*, como necessaria á realisacção do ser humano, Wallace poz-se em opposição com a propria essencia da doutrina...

A sem razão de Wallace está em não comprehender que o que diz acerca do homem se applica egualmente aos animaes.»

E na verdade, se «a experiencia, como dizia Bacon, é a filha legitima da observação fecundada pelo raciocinio» o *darwinismo* é a mais completa opposição áquellas grandes alavancas das sciencias naturaes.

E', todavia, para maravilhar e ao mesmo tempo bem consolador vêr um dos fundadores d'este formidável castello de cartas, ser tambem um dos primeiros a dar-lhe um tão razoavel piparote, que quasi o allue até os alicerces. Prova bem clara de que a razão separada da fé, anjo de luz que a esclarece, é um acervo de contradicções reiteradas, de opiniões fluctuantes e duvidas esmagadoras. Só Deus e a verdade, que é a sua essencia, são immutaveis!

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

—Manoel da Madre de Deus Miranda, filho de Christovão Machado Recolado e de D. Brites Machado da Maia, ambos nobres. Recebeu a murça de conego loyo a 23 de Junho de 1641. Foi doutor em theologia, pregador geral e provedor do hospital real das Caldas da Rainha. Falleceu na patria a 23 de Setembro de 1692. Deixou impressos em 4.º alguns sermões, desde 1685 a 1688, sendo numerosos os que deixára manuscriptos. Dos sermões impressos só foi recitado em Guimarães um do Santissimo Sacramento, na igreja da Oliveira em dia de Corpus Christi em 1685. Em Coimbra pregou trez dos impressos e em Lisboa um. Foi na sua epocha muito estimado como orador sagrado.

—Frei Martim Pereira d'Eça, filho de Manoel de Miranda, depois de servir na India voltou ao reino, que encontrou incendiado pelas guerras da feliz aclamação de D. João IV, seguiu o exercicio das armas no terço d'entre Douro e Minho e passados alguns annos foi elevado a capitão de cavallaria couraçada, onde serviu com invejavel gloria até se celebrarem as pazes entre os dous reinos.

—Frei Martinho da Apresentação, anteriormente F. Martinho Golias, oriundo da antiga e nobre familia da casa das Lamellas, em Guimarães. Foi o primeiro filho, que deu Guimarães á congregação beneditina por D. abbade geral d'ella, sendo o XVI na serie de esta dignidade, *quasi episcopal*, depois da reforma da ordem nos principios da segunda metade do seculo XVI. Nasceu a 28 d'outubro de 1561, filho de Lourenço Golias. Recebeu na pia baptismal o nome de Simão, e da idade de 18 annos era um dos cavalleiros mais valentes e arrojados de Guimarães, comó por varias vezes o provou com a sua espada. Esteve por algum tempo na America e recolhendo ao reino serviu Portugal nas armas por quatro annos e embarcou em varias armadas. Sofrendo mais tarde graves padecimentos, de que se julgava livre por intercessão de S. Gonçalo d'Amarante, resolveu deixar o seculo e abraçar a religião. Estando em Lisboa dirigiu-se d'ali ao mosteiro de Pombeiro, para tomar a cogulla do Patriarcha S. Bento; mas por ser limitado n'aquelle convento o numero de frades, dirigiu-se d'ali a Tibães, onde vestiu o habito a 21 de Novembro de 1586.

Acabado o noviciado, e não sendo ainda sacerdote, foi nomeado procurador do mosteiro de Rendufe, e depois transferido para o mosteiro de Pombeiro celebrou aqui a sua primeira missa, sendo secretario e interpreto de Frei Sebastião de Villoslada, que por ordem de Filipe I veio aqui em visita á congregação. Em 1593 foi escolhido para secretario de F. Antonio da Silva IV D. abbade geral da Ordem. Em 1599 foi dispensado em capitulo geral, *nemine descrepante*, em quatro annos d'habito para poder ser eleito prelado, não obstante as Instituições em condufe, e foi eleito D. Abbade de Rendufe, em cujo cargo se acreditou sumamente. Em 1605 eleito D. Abbade do mosteiro de Paço de Souza, fez aqui apparatosa romoção dos ossos venerandos de D. Egas Moniz, de sua mulher e filhos, mandando ataviar as figuras do relevo do seu moimento com allusões á ida d'este fidalgo a Castella com cordas ao pescoço. Em 1608 foi nomeado visitador da Ordem. Em 1611 D. Abbade do mosteiro de Lisboa que então era o da Estrella. Cuidou aqui em dar principio ao de S. Bento de Sande, um dos mais memoraveis da Ordem, e que sobremodo lhe ficou devedor de officios dedicadissimos. Em 1614 eleito definidor da congregação recolheu-se ao mosteiro de Pombeiro, onde se entregou incessantemente ao exercicio das virtudes christãs. Em 1617 foi segunda vez eleito D. Abbade do mosteiro de Lisboa, sendo então o primeiro que tivera residencia trienal no mesmo mosteiro, a que dera impulso memoravel. Em 1620 foi eleito definidor mór e finalmente em 1621 D. Abbade geral da Ordem Benedictina, cargo que exerceu com prudencia e rectidão, afabilidade e justiça. Em 1623 acabado o generalato recolheu-se ao mosteiro de Gonfey, d'onde sahio em 1626 para D. abbade do Mosteiro do Porto. Em 1629 eleito de novo definidor mór em capitulo geral recolheu-se ao mosteiro de Pombeiro, onde exhalou o ultimo suspiro a 4 d'Abri! de 1631.

—F. Martinho Rebello, quinto provincial dos Antoninos em Lisboa, onde governou a Ordem por seis annos com singular prudencia, grande paz, e consolação de todos os religiosos. Foi modelo admiravel de virtudes christãs, deixando o mundo no anno de 1594, no seu convento de Lisboa.

—D. Payo Galvão, filho de Pedro Galvão e D. Maria Pires, despresando toda a sua herança vestiu o habito dos monges de S. Jeronimo, em Santa Marinha da Costa pelos annos de 1178. Formado pela universidade de Pariz, ali recebeu o grau de mestre de Theologia, e voltando a Portugal foi nomea-

do mestre-escola da Collegiada, onde leu Theologia moral. Nomeado por D. Sancho I para ir dar obediencia ao novo pontifice Innocencio III, não consentiu este, que D. Payo, seu antigo discipulo na universidade de Pariz, deixasse Roma, onde o elevou a vice-cancelario, em 1206 a Cardeal diacono, em 1211 a cardeal presbytero com o titulo de Santa Cecilia, e em 1215 a bispo albanense. Por morte de Innocencio III, subindo ao solio Pontificio Honorio III, foi o nosso illustre patricio tido em tanta estima pelo novo pontifice, que foi a sua influencia na santa sé, que o patriarcha S. Domingos deveu as bulas de confirmação para a sua Ordem. Na cruzada que Honorio III formou para a conquista da Terra Santa, serviu de delegado apostolico D. Payo Galvão, que depois de haver illustrado com a sua sciencia e altos serviços a curia romana, falleceu no Monte Cassino no anno de 1228 com opinião de Bemaventurado.

—Frei Pedro dos Martyres. Foi o terceiro filho de Guimarães, que na Ordem de S. Bento assumira o generalato. Foi o LIII na serie d'estes prelados e nasceu a 4 de Junho de 1645. Vestiu a cogulla no mosteiro de Rendufe a 28 d'Agosto de 1664. Escrevia com primor e era admirado nos calculos d'arithmeticas e na grammatica. Foi prior e vigario no mosteiro de Refojos de Basto, fundado na epocha da dominação dos godos no nosso paiz, e d'aqui passou para o mosteiro de Lisboa eleito pregador geral da Ordem. Em capitulo geral de 1713 foi eleito D. Abade do mosteiro de Santo Thyrso, onde foi o consolador dos subditos, e hospedeiro generoso dos advindos ao convento, e o esmoler dos pobres da visinhança. Desempenhou este mosteiro de gravames antigos e dotou-o d'obras de grande utilidade. Em 1716 foi eleito D. Abade geral da ordem. Enriqueceu a sacristia do mosteiro de Tibães com ricos ornamentos e mandou fazer para o de S. Bento em Lisboa uma *Arvore da Familia Benedictina* á similitude da de Tibães que se encontra, quasi perdida, ao subir da escada principal. Em 1717 recebeu d'el-rei D. João V uma carta especial, em que o monarcha lhe pedia, que fizesse celebrar a Conceição da Virgem com a maior solemnidade de primeira classe, no qual o illustre filho de Guimarães correspondeu briosamente, lembrado de ser n'um mosteiro da Ordem em Inglaterra, onde primeiro se venerára a Conceição da Senhora. Em 1719 escolhendo para seu successor condigno F. José de Santa Maria, vivendo em Tibães concentrado no exercicio das virtudes, sem se eximir nunca das obrigações

monachaes, falleceu a 12 de Dezembro.

(Continúa).

P.º ANTONIO FERREIRA CALDAS.

## monumento ao marquez de Pombal

### I

Houve uma epocha, que a historia marca com letras de sangue, em que reinou em Portugal o ministro d'um monarcha, que tinha por vara da justiça o cutelo do algoz, e por lei a sua vontade omnipotente.

Coberto de espiões todo o paiz, não deixando que alguém fallasse do primeiro ministro de Estado a não ser para o adular, para o exaltar, era bastante uma pequena denuncia, sem provas, sem cousa alguma mais que o desejo de vingança e as portas das prisões do Estado eram abertas para dar entrada a um homem que, ou lá morria, ou sahia ao fim de muitos annos velho e com a razão perdida.

Este ministro, este homem que desprezava tudo que não fosse a sua vontade, e que calcava aos pés todos os direitos, e desprezava todas as considerações era... quem quer saber os leitores quem era? Era Sebastião José de Carvalho, conde de Oeiras, e mais tarde marquez de Pombal.

E é a este homem, ao maior despota, ao maior tyranno e inimigo de Deus e dos homens a quem a maçonaria portugueza quer fazer pomposas festas por occasião do centenario de sua morte, e erguer-lhe uma estatua, que atteste aos vindouros, que n'este paiz, em pleno seculo das luzes, quando tanto se apregoa liberdade, quando se prégua nas gazetas, nos comicios, nos cafés, nos theatros, em toda a parte a emancipação do homem, se faz uma publica manifestação em prol da escravidão, e da mais atroz das tyrannias!

A maçonaria prégua nos seus jornaes a tolerancia, e ergue estatuas ao primeiro despota que os seculos conheceram; advoga a liberdade de consciencia e de pensar, e ergue estatuas ao homem que não admittia outra vontade mais que a sua; dizem-se apostolos da liberdade e amigos dos pobres, dos opprimidos, e erguem estatuas ao homem, que atulhava as masmorras de cidadãos sem culpa formada; gritam desesperados contra a Inquisição e erguem estatuas ao homem que mandava queimar vivos todos aquelles que o não adolavam, e que fazia morrer, nas praças publicas, em meio dos mais horriveis tormentos, todos aquelles que lhe faziam sombra.

Não saberá isto a maçonaria? Não conhecerá essa scita, por isso que vive nas trevas, o que foi o grande marquez?

Sabe, sabe! Os tyrannos conhecem-se uns aos outros; e é por isso que querem affirmar um protesto anti-jesuítico, festejando o centenario do *mestrago* e erguendo um monumento, que seja a eterna vergonha de Portugal.

E nós, que conhecemos assaz o marquez de Pombal, apezar de não sermos maçons (de tal nos livre Deus) vamos aqui, nas paginas do *Progresso Catholico* erigir-lhe tambem um monumento, que mostre ás futuras gerações que nós, os primeiros reaccionarios d'este paiz, não tivemos duvida de nos associar aos *patrioticos* e *liberaes* desejos da maçonaria portugueza.

Como, porém, não somos pedreiros livres e querendo que as pedras para o monumento sejam lapidadas por mãos de mestre, vamos pedir a um mação, ao sr. Pinheiro Chagas, por exemplo, que nos forneça as pedras para o pedestal em cima do qual collocaremos a figura *admiravel* do maior despota que conheceram os seculos.

Entre as muitas e espantosas barbaridades que presenciou Portugal durante o tempo do governo despótico e tyrannico de Sebastião José de Carvalho, o marquez de Pombal, a quem a maçonaria quer levantar estatuas, a maior, foi, com certeza, o processo intentado contra os jesuitas e os principaes fidalgos portuguezes, a expulsão d'aquelles e a execução d'estes.

A'cerca d'estes processos diz o sr. Pinheiro Chagas o seguinte, que será a **Primeira pedra para o monumento que o Progresso Catholico ergue ao marquez de Pombal:**

«Que singulares argumentos estes para provar a culpabilidade d'alguém! Como os jesuitas são interessados em que el-rei D. José desapareça da scena politica, são elles portanto os culpados do crime de 3 de setembro! Parece que n'esse caso tambem devia ser condemnada a princeza D. Maria, por isso que, morrendo el-rei D. José, subia ella ao throno. Mas Sebastião de Carvalho proseguia implacavelmente o seu intento de envolver os jesuitas em todas as rebelliões, que punia, e, não conseguindo nem no motim do Porto, nem na conspiração de 3 de setembro, adduzir contra elles provas evidentes, preparava comtudo a opinião publica para o grande golpe que tencionava vibrar-lhes, desconhecitua-los, e juntava assim bases de accusação, que, se não serviam no caso presente, serviam, juntas com outras, para constituirem o formidavel libello que depois se articulou contra elles, e deu em resultado a sua expulsão do reino.

Assim á força d'iniquidades, por um processo em que eram violadas abortivamente as noções mais elementares do direito, agruparem-se, como no motim do Porto, em torno dos verdadeiros culpados, innocentes ou pelo menos pessoas contra as quaes não podia haver por falta de provas culpa formada, dava-se ao attentado de 3 de setembro uma feição monstruosa, apresentava-se como uma verdadeira conspiração de grande parte da nobreza, e aproveitava-se, punindo-se o crime do duque d'Aveiro, a occasião para se punir tambem a hostilidade de muitos fidalgos contra o ministro nivellador, e para se debellar a má vontade de todos. Sebastião de Carvalho fazia do cutello do algoz de Belem a vara de Tarquinio com que decepava as cabeças, que ousavam erguer-se acima do vulgar, ou que se não curvavam diante da sua vontade inflexivel, e da sua omnipotencia.

Foi a 12 de janeiro de 1759 proferida a sentença condemnatoria, cuja responsabilidade cabe ao tribunal ou junta da inconfidencia, de que eram presidentes, como dissemos, os secretarios d'estado Sebastião José de Carvalho e Mello, Thomé Joaquim da Costa Corte Real, e D. Luiz da Cunha Manoel, e de que faziam parte os desembargadores Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, João Pacheco Pereira, João Marques Bacalhau, Manoel Ferreira Luiz, Ignacio Ferreira Souto, José Antonio d'Oliveira Machado, e o procurador da corôa José da Costa Ribeiro.

A sentença condemnava o duque d'Aveiro a ser desnaturalizado e exautorado das honras e privilegios de portuguez, vassallo e criado do paço, degradado da commenda de Sant'Iago, e exposto n'um cadafalso alto, a quebrarem-se-lhe as cannas das pernas e dos braços, e a ser rodado, a picarem-se as armas da sua casa em toda a parte onde estivessem; a demolirem-se e arrazarem-se as suas casas, salgando-se o terreno onde estavam edificadas, revertendo para a corôa os bens d'ella de que o duque d'Aveiro era administrador, trancando-se na Torre do Tombo os titulos de doações a sua casa; condemnava ás mesmas penas corporaes o marquez de Tavora Francisco, sendo tambem exautorado de todas as suas dignidades, e prohibindo-se que ninguem mais torne a usar o appellido de *Tavora*, sob pena de perda de seus bens; condemnava egualmente o marquez Luiz Bernardo, e o conde d'Alhouguia, D. Jeronymo d'Athayde, José Maria de Tavora, Braz José Romeiro, João Miguel, e Manoel Alvares Ferreira a serem-lhe quebradas as cannas dos braços e pernas, rodados, confiscados os seus bens, demolidas as suas casas, e

picadas as suas armas, e concluia a sentença:

«A ré D. Leonor de Tavora, mulher do réu Francisco d'Assis de Tavora, por algumas justas considerações (relevando-as das maiores penas que por suas culpas merecia) a condemnam somente a que com barão e pregão seja levada ao mesmo cadafalso, que n'elle morra morte natural para sempre, sendo-lhe separada a cabeça do corpo; o qual depois será feito pelo fogo em pó, e lançado no mar tambem na sobredita fortuna: Condemnam outrosim a mesma ré em confiscção de todos os seus bens para o fisco e camara real; comprehendendo-se n'esta confiscção os de vinculos, que forem constituídos de bens de corôa, e os prazos com todas as mais penas que ficam estabelecidas para a extincção da memoria dos réus José Mascarenhas, e Francisco d'Assis de Tavora.»

Era a suprema clemencia d'aquelle iniquissimo tribunal.»

(*M. Pinheiro Chagas—Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX, pag. 180.*)

Que nos dizem os leitores ao que allia transcripto d'uma historia devida á penna d'um maçon, e amigo fanatico do *grande estadista*? Que diria d'elle um homem que o detestasse ou que não fosse da lrm . . .?

E isto é a primeira pedra, que serve só para os alicerces; veremos que tal é o lavor com que o snr. Pinheiro Chagas ornamentou as que devem servir para o pedestal.

A segunda pedra será collocada proximamente.

ELIAS DE SAMPAIO.

## Serção Critica

### COISAS! COISAS!

Em França ha communas (catholicas, já se entende) que por culpa do governo estão sem camara municipal ha 54 mezes, segundo affirma o *Monde*. Todavia os periodicos gambetteiros e officiaes fallam muito da autonomia dos municipios, etc., e *tal*.

Outra prova da sinceridade liberal!

«O tribunal de appellação de Rennes (lêmos ainda no *Monde* citado) acaba de confirmar a sentença do tribunal de Quimper, que condemnou o snr. Lequay, Prefeito de Finistere, a 100 francos de multa por haver tratado de recusar o snr. Crapp, juiz no mesmo tribunal na questão dos Padres Jesuitas.»

—Os tribunaes francezes tem-se portado muito bom, segundo a justiça e o direito, n'esta importantissima questão dos decretos de 2º de março ou do despotismo radical contra a liberdade das congregações religiosas. Elles o *pagarão*, porque o gambettismo não sabe perdoar a independencia de juizes que não sejam creaturas suas e seus sabujos. Já se trata por isso de acabar com a immobilidade. . . E viva a divisão dos poderes e a sua independencia!

Transcrevemos a seguinte importante carta dirigida ao *Univers*, e que não precisa commentarios:

«Senhor redactor. E' um coração magoado que vos dirige estas linhas. Não se pôde ler nos jornaes as altas obras dos revolucionarios, que opprimem o vosso paiz sem se dizer: Pobre França! Eu sempre amei a França, e em 1870 a 1881, comprometti-me até por ella restituindo-lhe 120 filhos seus, retidos na Prussia, e que, pelos meus cuidados, poderam voltar á sua patria. Mas, d'hoje em diante não posso continuar a amar o vosso paiz: lastimo-o.

Mas Deus vive sempre!

Fazei-me a honra de tornar sabedores aquelles religiosos que quizerem estabelecer-se no estrangeiro, n'um paiz catholico, de que eu estou á sua disposição para lhes procurar em Limbourg um refugio.

Tres religiosos podem encontrar immediatamente um asylo em minha casa. Offereço a cada um um bom quarto mobilado e uma sala.

Tendo eu um bocado de pão, repartil-o-hei com elles. Participarão da minha meza, sem paga alguma.

Abençoearei o dia em que tenha a ventura de receber e agasalhar proscriptos que soffrem pela boa causa.

O vosso humilde servo

*Jos. Russel.*»

O snr. Coggia acaba de descobrir no observatorio de Marsella mais um planeta, que é o 217.º do grupo comprehendido entre Marte e Jupiter. Vae-se soletrando cada vez mais a gloria, a omnipotencia e a sabedoria de Deus nos espaços celestes: *Cœli enarrant gloriam Dei*.

Os positivistas não estão por isso. Os macacos, orangotangos, saguis e até certos animaesinhos de vista baixa, *idem* . . .

O mais bonito é dizerem, *ainda por cima*, que «a sciencia veio destruir os dogmas da religião e todo o sobrenatural!» Pobres creaturinhas! Quando foi isso?

Um jornal da India escreve:

«*Não trabalharás no domingo!*—O nobre Marquez de Ripon deu terminan-

tes ordens mandando cessar todo o trabalho official no domingo, em certas repartições do Governo, onde vigorava a pratica em contrario.»

Ora ainda bem que até n'este ponto já apparece um catholico que sabe dar exemplo aos protestantes!

Entre nós... Talvez seja melhor não fallar: é o que todos vemos!

**TRES BOAS NOTICIAS: — Partida de missionarios:—**Em 4 de outubro ultimo embarcaram em Gravesand 11 missionarios com destino á Australia.

**Conversão:—**Uma nova conversão acaba de ter lugar na Inglaterra. O rev.º Samuel Farman, vigario da parochia protestante do districto de S. João (condado d'Essen) acaba de abjurar os seus erros na egreja do Oratorio de Brompton.

**Uma procissão em Londres:—**Referencia ao nosso collega *Missions Catholiques*, que no domingo do santo nome de Maria, o clero da parochia de Ken-sal Newtown, em Londres, cedendo ao desejo da Congregação, fez conduzir a imagem da santa Virgem atravez das ruas que circumdam a egreja, e fê-la acompanhar da numerosa confraria das donzellas, vestidas de branco. A multidão que acompanhava era precedida pela musica dos manebos da Sociedade de temperança e os guardas da liga da Cruz, vestidos com as suas insignias.

Os protestantes admiraram semelhante procissão, mas nenhum meio empregaram para a impedirem ou insultarem!

UM VIMARANENSE.

## Secção Historica

### ANNUNCIACÃO DA VIRGEM SANTISSIMA

#### I

Como delicias mil se não convertido,  
Eva infeliz, em soffrimento e dôr?  
Da vaidade e soberba o halito impuro  
Murchou-te da innocencia a amavel flôr!

Peccaste contra o céo, e abysmo infundo  
Das gerações por-vir abriste aos pés!  
Perdida é sem remedio a humanidade?  
Senhor, perdão!... nossa miseria vês!

Ah! Deus é pae e é bom... junta á amargura  
Da celeste esperança o grato mel:  
Promessa desce lá do throno excelso,  
Cousolação do povo seu fiel.

Da serpe tentadora a testa horrenda  
Nova Eva intemerata esmagará;  
E no seu seio o Redemptor divino,  
O Verbo eterno, carne assumirá.

Já são plenos os tempos; a hora soa:  
A eleito vêdes para Mãe de Deus?  
Não se assenta n'um solio, alta rainha;  
Mas um dia ha-de-o ser na terra e ceos!

Ditosa Nazareth, tu pobre a viste,  
Humilde, ignota, a filha de David;  
Mas tão bella, e innocento, e pura, e santa,  
Outra conteve o mundo inteiro em si?...

#### II

Ora em supremo arroubo a casta Virgem:  
O corpo está na terra, a alma no ceo.  
Do fundo da humildade os olhos ergue:  
Nuncio divino observa ao lado seu.

«Ave, Maria, ó tu cheia de graça,  
E' contigo o Senhor, Virgem feliz:  
Entre as mulheres todas és bendicta;  
Por minha bôcca o Altissimo t'o diz.»

Fica turbada a candida Donzella,  
E em timido silencio posta está:  
Honra tão grande, louvor tal merece  
A mais humilde filha de Judá?

«Não temas, que o Poder que tudo roge,  
Sobre ti baixará dos altos ceos:  
Creatura, ao Creator darás substancia;  
Virgem sempre, serás a Mãe de Deus!»

Inda hesitas, Maria? Ah falla, falla,  
Não retardes do mundo a salvação!  
Arca de alliança, o Redemptor acolhe;  
Novo nos dá, reparador Adão.

«Serve sou do meu Deus omnipotente:  
Sua vontade excoelsa acatarei;  
Cumpram-se pois em mim tuas palavras:  
O que apraz ao Senhor, é minha lei.»

#### III

Mundo, exulta! Eil-o cumprido  
Fundo mysterio de amor,  
Tanto tempo ha promettido  
Ao pae comunum peccador!  
Grande fôra a culpa herdada:  
E' maior a Hostia sagrada,  
Divino o Mediador.

Da humilde Maria o Filho,  
Manuel, Christo, Jesus,  
O Justo em todo seu brilho,  
Inunda a terra de luz:  
A inital-o o homem exhorta,  
E o conduz dos ceos á porta  
Pelo caminho da cruz!

Tu, mulher, quemquer que sejas,  
Virgem, ou esposa, ou mãe,  
Do inferno calcando invejas,  
Ergue-te, exulta tambem!  
Eras triste, vil escrava,  
Que o homem sensual tractava  
Com dureza, ou com desdem.

Hoje és venturosa, amada,  
Senhora, em meio dos teus:  
Na sociedade acatada,  
Alvo dos respeitoos seus:  
Quem te alcançou tal victoria,  
Hora tanta; tanta gloria?  
Foi Maria, a Mãe de Deus!

Porto—Março de 1881.

A. MOREIRA BELLO.

## VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

### CAPITULO III

#### Um assassinato de Nero

(Continuação)

—Oh! anccio descobrir a verdade, tenho taes desejos da tranquillidade do espirito... Marcello, por realizar este meu intento, dava eu a vida. Mas quem me desvendará os olhos e me tirará d'estas escurantadas trevas da duvida? Conheço, que não estou de posse da verdade mas ignoro tambem quem a possuirá, sei que estou longe d'ella mas não sei onde poderei encontrar-a. Quem será capaz de dizer-me: aqui está a verdade, alli a mentira; isto desinquieta o espirito, aquillo tranquillisa-o?

E oppresso pela dôr, Flavio Sabino, apoiava a cabeça entre as mãos e dava profundos suspiros.

Marcello entretanto elevava os olhos ao céo e orava com fervor. Depois inclinando-se para o amigo, obrigou-o a sabir d'aquella posição e fazendo-o levantar disse-lhe confidencialmente:

—Sabino, eu tambem já duvidei e soffri como tu; mas Deus concedeu-me a luz e a consolação da fé. Hoje estou de posse da verdade, e o meu espirito acha-se tranquillo!... Sou christão!

—Christão?

—Sim, christão... e se desejas tambem sel-o, isso é facil. Sê humilde, meu amigo, ora com sinceridade e fervor. Resolve-te a seguir a verdade, custe o que custar; que quem segue a verdade segue a Deus. Se a procurares, encontrar-a-has... Levanta os olhos ao céo... lá está Deus... o unico Deus que existe; é Omnipotente e Eterno e tirou do nada tudo quanto existe... Elle ama os homens como seus filhos e deseja que sejam virtuosos n'esta vida para serem felizes na outra. Deus está disposto a abençoar-te e a admittir-te á sua amizade e á sua graça... Só Elle pode sarar teu coração, renovar teu espirito, illuminar-te com suas luzes, e pelos meios que Elle mesmo estabeleceu communicar-te essas mesmas virtudes sobrenaturaes, que admiras nos christãos.

—Marcello, visto sêres christão, e eu tambem já quasi o sêr, peço-te pela amizade que nos une desde a infancia, que me instruas sobre a vossa religião e sobre seus mysterios.



—Não duvidava fazel-o até mesmo pelas recordações que me suscitaste, se não m'o estorvasse um motivo ponderosissimo, o preceito de Jesus. Mas se te apraz, julgo mais acertado fazer vir aqui amanhã pessoalmente um sacerdote; elle melhor e mais proveitosamente saberá instruir-te, e desde já te affianço sem receio de enganar-me, que a verdade insinuar-se-ha então no teu espirito.

Sabino fechou os olhos, inclinou a cabeça e concentrando-se em si mesmo reflexionou um pouco. Depois, levantando a fronte com gesto indicativo d'uma resolução energica:

—Pois venha! disse a Marcello.

No dia seguinte, Marcello, seguido d'um desconhecido, entrou no palacio do patricio; depois de cumprimentarem Sabino e de conversarem todos tres por algum tempo, Marcello retirou-se e deixou-os sós para que com mais liberdade podessem fallar.

A conferencia prolongou-se até quasi de manhã e oxalá se pudesse reproduzir aqui o interessante dialogo, que se passou entre o opulento patricio, senhor de um sumptuoso palacio e o pobre padre que vivia quasi sempre occulto, ou antes soterrado em profundissimas cavernas.

Quando ao amanhecer o presbytero quiz retirar-se, Flavio Sabino lançou-se-lhe aos pés e disse-lhe com viva fé:

—Ministro do Altissimo e pae meu, peço-te pela Cruz de Christo, que não te demores em baptisar-me! Oh! Sim, eu creio, eu sou já christão no meu coração!

—Meu filho, respondeu-lhe então o sacerdote: o ardor de tua fé faz-me commovêr e eu não tardarei em assentir aos teus desejos. Affianço-te que brevemente receberás o sacramento do baptismo. Socega, e continua orando, que a hora do senhor se aproxima.

E Sabino, alentado com a esperanza, que lhe infundiam estas palavras, procurou o quarto mais retirado do seu palacio para empregar o tempo na oração e na leitura de um manuscripto, que o sacerdote lhe havia dado: era o Evangelho de S. Matheus.

Marcello tinha fallado verdade. A paz tão almejada havia descido já á alma do seu amigo. Parecia-lhe que uma mão invisivel o havia alliviado do enorme pèzo que d'antes o opprimia, e que lhe tinha tirado de sobre os olhos a venda que já ha muito tempo os cegava. Sabino acreditava, esperava e amava... Era christão.

Uma noite, porém, vespera do dia em que havia de baptisar-se, Sabino recolheu-se a casa mais cêdo para ahi esperar o sacerdote, que lhe havia prometido vir para empregar todo o resto d'ella em preparamto e dispôl-o para re-

ceber aquelle sacramento. Mas eis que de repente se viu acommettido por um homem, que com a rapidez do relampago lhe cravou no peito um punhal.

Sabino perdeu logo o animo e cahiu todo banhado em sangue: o assassino tentou-lhe o peito, examinando se haveria acertado o golpe; e julgando-o já morto, proferiu estas palavras:

—Até que enfim... o que era impossivel de dia, fez-se de noite. Rico e christão... esta merece uma boa paga.

E retirou-se ligeiro, mas sem correr, pois já se havia familiarisado com o crime, e d'esta vez estava certo da impunidade.

Sabino, moribundo e já quasi sem forças, arrastou-se até ao limiar da porta do palacio, que lhe ficava proximo. Apenas, porém, conseguiu transpôl-o, seus escravos, que o esperavam, ouviram um gemido de dôr; e aproximando-se para se orientarem quem era que assim se lastimava, reconheceram seu senhor, a quem amavam e estremeciam muito; e tomando-o nos braços o metteram logo na cama.

Não estava ainda morto, mas pouco lhe faltava. Alguns momentos depois, sendo quasi a hora aprazada, chegou Marcello e o sacerdote. Ainda não tinham acabado de narrar-lhes o succedido, quando Sabino entreabriu os olhos e fitando-os com inquietação em quem estava conheceu ser seu velho amigo o seu novo pae.

Sabino, sorriu-se para o Ministro de Christo e disse-lhe com voz moribunda:

—Meu Padre, já não me restam senão alguns instantes de vida; dai-me, pois, o Baptismo, se é que me não julgaes indigno d'elle.

—Meu filho, respondeu o Sacerdote com os olhos marejados de lagrimas: tu já recebeste o baptismo de sangue, o baptismo dos martyres, tua alma está regenerada; recebe, todavia, agora a agua santa. Tu morres por Jesus Christo, que morreu por ti e por nós todos. Imita O, meu filho, imita-O na caridade; e assim como Elle perdoou, perdôa tambem a teus inimigos. No cêo receberás a recompensa.

—Oh! Sim, perdôo-lhes do coração, disse Sabino com affabilidade.

O Sacerdote lançou a agua benzida sobre a cabeça do moribundo, dizendo ao mesmo tempo:

—Eu te baptiso em nome do Pae, e do Filho e do Espirito Santo. Amen.

E em seguida elle e Marcello lhe deram o osculo da paz appellidando-o pela vez primeira *irmão em Jesus Christo*.

Sabino olhava com inquietação em volta de si como procurando alguma cousa.

—Que queres? disse-lhe Marcello.

Elle, com voz quasi inintelligivel, proferiu o nome de *Victor*.

Marcello comprehendeu logo todo o seu anhelto; desapareceu rapidamente e voltou logo com o menino nos braços.

Victor, estremunhado, olhava absorto para seu pae, e vendo-o pallido e immovel, se abraçou a elle internecido e lacrimoso.

(Continua)

## Secção Necrológica

### O PADRE MILLEROT

Finou-se, ha pouco em Pariz, na paz da consciencia, no osculo da religião santa de que era fervente apostolo, e na profunda dôr de quantos o conheceram, o padre Millerot, da Companhia de Jesus.

Realisou-se o seu funeral na egreja de S. Sulpicio, no meio de um concurso de fleis, que orçava por mais de cinco mil. Eram assim redigidas as cartas de convite:

«Os padres da Companhia de Jesus, expulsos da sua residencia da rua de Sèvres e dispersos, recommendam ás vossas orações o R. P. Luiz Millerot, fallecido na paz do Senhor, na rua de la Chaise, n.º 26, a 2 de março, á meia hora depois da meia noite.»

Na numerosa assistencia notavam-se muitos senadores e deputados da direita, bastantes religiosos, e uma grande multidão de pessoas de todas as categorias. O padre Millerot era estremecido no seu bairro. Confessor infatigavel, dirigia-se de preferencia aos pobres. Tornara-se celebre pela sua familiaridade com os cocheiros, que cathequisava todas as vezes que lh'o proporcionava o ensejo.

Não era raro vel-o passear ao longo das filas de carruagens, postadas proximo d'alguma estação de caminho de ferro urbano, ou á porta d'um hotel, na estação dos bailes etc. e interpellar os cocheiros, na sua linguagem sacudida mas franca, amiga e familiar, travar pequenas discussões com elles e por ultimo, quando chegava a conseguir levar-os debaixo, entrar com elles na primeira carruagem que se lhe offerecia para alli mesmo confessal-os (!).

Succedia-lhe por vezes, quando a palestra ameaçava ser intercortada pela partida de algum *coupé*, subir á almofada, collocar-se ao lado do cocheiro e continuar a instruil-o sobre a religião.

Tamanho era o zelo do padre Millerot que não recuava ante a critica conjunctura (para ganhar o seu cathecumeno) de entrar n'um restaurante e alli beberem um copo á saude um do outro.

Posto isto, facil é de explicar a popularidade enorme d'esse homem san-

lamente original. A estes qualificativos junte-se a virtude da esmola que possuía em subido quilate; despiu-se literalmente para vestir os membros nus de Jesus Christo.

Não podia atravessar as ruas limitrophes de S. Sulpicio sem ser saudado ou abocado a cada passo.

Terminada a cerimonia funebre, o prestito, composto de cerca de trez mil pessoas, dirigio-se ao cemiterio Montparnasse. O feretro foi sepultado n'um jazigo pertencente á Companhia de Jesus.

Este facto deu-se em Paris, não ha cem annos, mas hontem.

Sem commentarios.

Fallais de liberdade; ahi tendes um jesuita liberal, mais e melhor liberal que vós, democratas de papel e tinta, D. Quixotes da fraternidade, que tremeis ante o mais pequeno incommodo que a verdadeira fraternidade exija de vós. Quem vos conhecer, que vos venda na feira da Ladra.

P.º SENNA FREITAS.

### Secção Bibliographica

Não ha muito, sahio dos prélos da «typographia occidental», do Porto, uma obra, que não deve ser avaliada pelo seu volume, mas pela grandeza do seu assumpto e primores do seu estylo.

E' o *Elogio academico* de Camões, pronunciado na sala dos actos grandes da nossa universidade, pelo Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, por occasião do tricentenario do grande epico portuguez.

Traçaremos duas palavras ácerca dos motivos, que nos demoveram a escrever estas rapidas notas bibliographicas e a respeito dos meritos do auctor do *Elogio academico* e dos merccimentos d'esta obra.

Temos para nós como incontroverso, que se presta um serviço de muita valia á ideia christã tantas vezes combatida, e á litteratura patria tantas vezes incorrecta, quando se celebram os merccimentos do auctor de publicações, em que esta se cultiva com primor e aquella se defende com o vivo enthusiasmo d'uma alma crente.

A humana natureza é por tal arte constituida, que, se não tiver encitamentos, que despertem suas energias productoras, estas ficarão sempre em calma dormente e improductivas.

Podem as vozes da consciencia despertar os talentos em nome d'uma causa santa, como é a da fé e a da patria, duas formosas ideias, que geraram na mente do auctor do elogio de Camões os seus mais profundos conceitos e a

sua mais vigorosa, elevada e scintillante linguagem; podem as intimações da consciencia derramar no intimo do coração a poesia generosa, que procede do cumprimento do dever e convulsional-o e conduzil-o a pelear a boa pelega. Mas, ainda que o combatente se transforme em homem de relevo e de acção, desfallecerá muitas vezes e não encetará novos trabalhos, que demandam peza-dos sacrificios, se a critica apaixonada ou a glacial indiferença tomar o passo aos merccidos louvores e applausos.

E quando o homem de alma apaixonada pelo bello, o orador febril e patriotico, o sacerdote de fé ardente e profunda arrosta, como o Dr. Luiz Maria, as ideias delictorias, que dominam tantos espiritos delirantes do nosso grande centro scientifico, cuja orientação é perdida, e as combate com o seu verbo eloquente, mais reconhecemos a necessidade de o animar, depondo aos pés do trabalhador da palavra, que luctou e venceu, os tropheus da gloria, que tão briosamente soube conquistar.

E eis o motivo, que nos demoveu a este pequeno trabalho de critica imparcial.

O Dr. Luiz Maria da Silva Ramos é um dos formosos talentos, que entre nós mais produzem, é o incançavel obreiro, que tem conquistado logar proeminente entre os homens uteis da sua patria.

Professor distincto em a nossa universidade, quasi sempre despede da cadeira os resplendores do seu talento creador; orador eloquente da tribuna christã, é por muitas vezes festejado pelas assembleas mais conspicias; escriptor opulento de saber, de vigorosa dialectica, de alevantado estylo, é uma das glorias da igreja luzitana e da universidade de Coimbra.

Foram valiosos os dons, que Deus lhe concedeu; mas os rasgados vôos, que desfere nos horisontes das diversas manifestações do seu poderoso talento, devem muito á vivificante ideia christã, que o impulsiona e o conduz pelas altas regiões da sciencia e da litteratura.

Não é d'esses espiritos, que esgotam n'um momento todas as suas forças; trabalha sempre e apparece em toda a parte, onde o chama o dever.

Ha pouco visitamos Coimbra e perguntamos, se os homens cultos d'aquella sabia academia tributavam ao nome do Dr. Luiz Maria da Silva Ramos as honras devidas ás suas benemerencias. «Tem formada a sua reputação de homem de sciencia, nos responderam; é um professor, que trabalha; é intelligencia levantada e audaz e trava combate com o adversario, que se lhe deffronte. E' homem de relevo e de acção.» Foi-nos grata esta noticia, porque

sempre nos encanta o ouvir apreciar com justeza os homens do trabalho e do talento. Deixar que a posteridade imparcial esqueça rivalidades e solva as dividas, que os contemporaneos contrahiram, não é justo nem decoroso, é improprio de homens, que se prezam, é flagrante injustiça.

O auctor do *Elogio academico* considerou Camões como poeta e como guerreiro,—poeta e guerreiro christão.

Assim considerado, bafejavam a alma do orador os assignalados primores do seu heroe; mas, se o orador não floreas-se o estylo com a mestria de escriptor de primeira grandeza, seria o seu personagem qual

«harpa quebrada nas mãos do Trovador.»

Existia no espirito do grande orador a nitida imagem do grande poeta, mas de muito pouco serve o sublime do pensamento, quando a linguagem se não alteia pela sua ornamentação até ás magnificencias da ideia. Esta como que empallidece, se é desmaiada a palavra, que a traduz em forma sensível.

Não é justo, pois, que tão só á grandeza do objecto, que era o vulto de Camões, se attribuem os sublimes rasgos de eloquencia, que se admiram no *Elogio academico*.

Assumptos grandes nunca fizeram grande o orador mediocre; é necessario possuir o encanto e a força da palavra, pois é pela elocução, que o orador se avanta ao orador, porque a maneira de dizer é o que mais realça o seu nome, como dizer um grande mestre da arte de bem fallar, interpretando este verdadeiro conceito de Quintiliano:

«Cultu vero atque ornatu se quoque commendat ipse, qui dicit, et in ceteris judicium doctorum, in hoc vero etiam popularem laudem petit (1).»

O Dr. Luiz Maria sentia o seu estro inflammado pelo sol da ideia christã e patriotica, sentia o seu espirito allumado pelos esplendores dos grandes feitos e do genio do famoso poeta, mas principalmente ao poderoso talento do orador deve ser attribuida a formosa peça oratoria, que é, no seu genero, a sua primeira gloria litteraria.

E' n'ella, mais que em nenhuma outra, que se revela verdadeiro artista da palavra. A sua linguagem sempre tersa e pomposa eleva-se muitas vezes a poetica; o natural e harmonico colorido de

(1) Mais l'élégance et la beauté du discours, voilà par où un orateur se recommande lui-même: il peut, dans le reste, chercher l'approbation des doctes, ce n'est que par ces qualités qu'il ravit encore les suffrages de la multitude.—Trad. de Quizzle.

suas descripções, o fundo de verdade de suas espelhadas imagens, a profundez philosophica de seus conceitos formam um quadro primoroso da magestosa e florentissima eloquencia.

E' uma obra digna do Epico portuguez, é um monumento empercedouro levantado ao seu genio. Se os monumentos de bronze e de marmore, levantados pelos seus admiradores na praça publica e nas academias, são dignos do grande poeta e rememoram o culto, que os homens de letras lhe tributam, não menos digno é o monumento levantado pelo sabio professor da universidade e não menos perpetuará na memoria a admiração de Camões, porque será livro sempre aberto no gabinete dos homens cultos.

E' um subido primor de eloquencia academica, que pode ser collocado a par dos elogios classicos de José Estevão e de Humboldt, traçados pelo primeiro estylista portuguez.

Não declamamos. Temos presente ao nosso espirito as provas, que existem no *Elogio academico* e que nós transportariamos para aqui, se esta publicação periodica permittisse largas transcripções.

D).

Agora que tanto se falla em jesuitas, que todos lhe dirigem pedradas, porque os não conhecem ou fingem não conhecer, não é fóra de proposito recomendar aos nossos leitores um livro que mostra claramente o que sejam jesuitas e mações. Tem por titulo: *A Maçonaria e os Jesuitas*, e é devido à penna do mais illustre prelado brasileiro, D. Frei Vital, Bispo de Olinda.

D'esta obra de que já em Guimarães se fizera segunda edição disse a *Nação* ao sahir a primeira, o seguinte:

«E' uma pastoral como não conhecemos outra na lingua de Camões; uma pastoral que é um magifico tratado anti-maçonico, que encho um grosso volume digno de figurar na mais modesta, como na mais bem sortida livraria; uma pastoral escripta com fogo, que não amortece, desde a primeira até à ultima pagina.

E' uma pastoral erudita, eloquente, doutrinal, instructiva; por consequente é accomodadissima, e grandemente opportuna para os tempos que correm.

E', não menos, um livro de controversia religiosa, escripto com elevação de vistas, em linguagem vernacula, escolhida, sem ser affectada; inergico, solido e verdadeiramente triumphante.

Os homens da «trollha» e dos «tres pontos» apenas até agora resmungaram sobre elle algumas phrases imperceptiveis. A maior parte, a quasi totalidade, — «prudente» como de costume em semelhantes casos — fez a «conspiração» do «silencio». E no entanto já lá vaõ mais de anno e meio desde que appareceu a primeira edição no Brazil, além de muitas dezenas de produções em periodicos, por inteiro ou por extractos, tanto no velho como no novo mundo!

Esta edição portugouza, que temos diante de nós, e que comparamos com a brasileira, avanta-se-lhe muito, não só por sahir expurgada de varios erros de imprensa, mas por causa das notas sobre tudo, que muito enriquecem o volume, fortalecendo do um modo admiravel varias asserções do ex.<sup>mo</sup> auctor, que ao fechar o seu precioso escripto, na fortaleza de S. João (onde estava preso por ter cumprido o seu dever), a 28 de março de 1875, ainda não sabia, nem podia saber, o que pouco depois se passou na camara dos deputados do Rio de Janeiro, a proposito da «revolução MATUTA», etc.

O livro assim fica completissimo; o é por isso que a edição portugueza até no Brazil deve ser estimada.

O que é certo é que a pastoral do Bispo d'Olinda sobre a MAÇONARIA E OS JESUITAS é um livro irrefutavel, que «ha-de ficar», que ha-de ser lido e citado, não só no tempo presente, mas nas edades vindouras.

E' esta, pelo menos, a nossa intima convicção.

O seu preço é de 500 réis, mas para os assignantes do *Progresso Catholico* custa apenas 400 réis, franco de porte.

Recebemos a visita dos seguintes jornaes, que deveras agradecemos às illustradas redacções: *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, Lisboa, de que fallaremos breve; *A Vanguarda*, de Lisboa; *Ribaltas e Gambiarras*, de Lisboa; *A Voz do Povo*, do Funchal.

Por falta de espaço deixamos para o n.º seguinte as appreciações de varias obras recebidas.

**Felicitamos o nosso excellento collega da Ilha de S. Miguel, «A Civilisação», por haver entrado no 6.º anno da sua publicação.**

Aos nossos collegas que se teem dignado transcrever uma grande parte dos artigos ultimamente publicados no «Progresso Catholico» enviamos mil agradecimentos, e muito especialmente aquelles que deram mais publicidade ao que inserimos sob o titulo — **MADEIRA**, firmado por Elias de Sampaio.

Cabe aqui tambem agradecer ao periodico do Funchal — **A VOZ DO POVO**, que, mesmo sem goslar do mencionado artigo, teve a delicadeza de transcrever alguns trechos, que mais lhe deram no gôto, certamente.

A todos, pois, o nosso reconhecimento.

## Petroscpecto da quinzena

Guimarães acaba de firmar um protesto grandioso, imponente da sua fé, do seu amor pela religião santissima de nossos paes, pela causa da verdade e da liberdade.

A festividade havida n'esta cidade no dia 30 de março passado, em honra do Santissimo Coração de Jesus foi uma das mais espantosas manifestações de um povo contra os inimigos de Jesus Christo e de seus filhos mais benemeritos, que se conhecem e de que rezam os annaes da historia vimaranense.

Quando por toda a parte se levanta um grito de—*morte aos jesuitas!* Quando na imprensa civida de maçonismo se grita constantemente contra os filhos de Santo Ignacio, e se levantam as mais infames calumnias para desacreditar a vanguarda do catholicismo, o povo de Guimarães, ao saber que na Igreja de S. Domingos havia práticas e conferencias doutrinaes de manhã e de tarde, feitas por padres jesuitas, corre em ondas compactas ao templo, e, cousa estranha, em lugar de vir cá fóra confirmar o que nas gazetas havia lido, ergue a voz nas praças, nos cafés, nas officinas, e diz:—Aquillo é que são padres! Que modo de explicar os deveres do christão, que maneira tão rara de nos convencer!

E cada dia mais compacta era a multidão, e cada dia, cá fóra, mais crescia a fama de que os padres jesuitas são verdadeiros apóstolos de Christo!

Foram numerosas as confissões, e no acto da Communhão geral milhares de pessoas, chegando-se à Sagrada Meza, mostraram quão fructifera fóra a palavra de Deus, sahida da bocca dos padres jesuitas.

De tarde subiu á cadeira da verdade o revd.º padre Thomaz, e fallou sobre a caridade.

Que sublimidade de linguagem! que correcção de phrase! que opulencia de imagens! e com que facilidade, elle, o sabio jesuita nascido e creado sob o céu de Italia, jogava com a lingua de Camões, como o não faria melhor se creado fosse n'este formoso jardim à beira mar plantado!

Depois seguiu-se o *To-Deum*, e n'essa occasião é que Guimarães mais bem mostrou os seus sentimentos catholicos, a sua adhesão à causa da verdade, da liberdade, do progresso.

Não havia nos convites nomes de titulares, nem mesmo de alguma corporação religiosa, ou auctoridade civil, e comtudo lá estavam: o administrador do concelho, camara municipal, juiz de direito, delegado do procurador regio, representantes de todas as ordens 3.<sup>as</sup>, irmandades, associações, etc., etc., etc.

que seguraram tochas durante o acto religioso, e uma numerosa concorrencia de fleis, de todas as classes da sociedade.

A' noite quasi espontaneamente todas as casas se illuminaram!

Foi uma festa grandiosa! um solemne protesto ás calumnias levantadas contra a Companhia de Jesus!

Ao revd.<sup>mo</sup> sr. padre Francisco Xavier da Silva Carneiro, a quem se deve esta festividade, e, podemos dizel-o, a instituição da pathetica devoção ao Sagrado Coração de Jesus, d'aqui, d'este logar, que tantos teem manchado, lhe enviamos cordeaes parabens em nome da imprensa catholica de Portugal, que, ainda que indignamente, representamos.

Um outro testemunho que os vimaranenses acabam de dar do nada em que teem as prégarias dos falsos amigos da liberdade, verificou-se na 3.<sup>a</sup> domingo da Quaresma na occasião em que percorria as ruas da cidade a Imagem do Senhor dos Passos. Havia annos que esta solemne via-sacra senão fazia, e de receiar era que o povo se esquecesse de tão antigo quão christão costume. Mas não. O vastissimo templo de S. Francisco onde foram recitadas as conferencias pelo revd.<sup>o</sup> abbade de Requião, fôra sempre cheio, litteralmente cheio, e na primeira domingo de sol, em que a sagrada imagem foi levada pelos irmãos da Ordem pelas ruas, acompanharam-a mais de cinco mil pessoas!

Que soberbo quadro, quando a procissão parava junto dos passos e durante o tempo que se cantava o *Miserere!* Cinco mil pessoas, cahidas de joelhos em meio da praça publica, guardando o respeito devido ao acto, dando assim uma mostra de que desprezam o epitheto de fanatico com que são apupados os catholicos! Que sublime lição dada aos livres pensadores! E isto n'um tempo em que a audacia e a falta de educação os leva ao interior do templo, a perturbar a ordem e a devoção dos verdadeiros crentes!

Pouco espaço nos resta para fallar das cousas da terra.

Digamos sempre aos leitores que cahiu o ministerio progressista, e entrou outro. Afastados completamente dos centros politicos não sabemos bem o que motivara a queda, mas quer-nos parecer que uma das razões fôra o tratado de Lourenço Marques.

Parece incrível! Julgavamos que n'um paiz onde se erigem estatuas ao homem que partiu o reino a meio, deixando-lhe a parte mais pequena, se não faria caso d'um bocado de terra. Ainda bem que nos enganamos.

Que o novo ministerio satisfaça ás as-

pirações de todos e não tenha medo dos jesuítas é o que nós estimamos.

A classe commercial de Braga prepara-se para no dia 1.<sup>o</sup> de maio manifestar os seus sentimentos de amor e veneração para com a Santissima Virgem, por meio de uma peregrinação ao monte do Sameiro.

E' imponente o programma que acabamos de receber e que aqui quizeramos publicar se fosse possível. Na impossibilidade de o fazer limitamo-nos a dizer que o acto que o commercio de Braga vae praticar o honra sobre modo e que será um dia de religiosa alegria o da peregrinação, para todos aquelles que treparem a formosa montanha onde se eleva o primeiro monumento que Portugal erguera á sua padroeira no seculo XIX.

Ao Sameiro, pois, catholicos do Minho, e lá, de em volta com os olores que os prados, os montes, os jardins enviam á Rainha dos céos e da terra, enviae-lhe fervidas preces para que a sua protecção divina jámais falte ao reino fidelissimo.

A Hespanha mudou tambem de ministerio. Parece que os catholicos d'aquelle paiz não estão muito contentes com a troca, porque ácerca d'esse descontentamento diz o seguinte um jornal:

«Estes (os catholicos) que com a situação anterior foram os *meninos amimados*, começam a perceber que as politicas vão variando de quadrante.

Alguns dos seus orgãos na imprensa soltam a voz de áleria, em consequencia de se ir inaugurar por estes dias, em Barcelona, uma nova loja maçonica, e dizem que a auctoridade não deveria consentir tal coisa. Pois não sabem estes ignorantes que o presidente do conselho de ministros não deixou ainda as insignias de gr.<sup>o</sup> mest.<sup>o</sup> da ord.<sup>o</sup> mac.<sup>o</sup> em Hespanha?»

Parece que lá por cima tambem ha escolas de *liberalismo*. Uma faisca, eivada ao que parece da tal molestia, cahindo das nuvens procurou a igreja de S. Francisco, de Tavira, no Algarve que cercou de chammas, reduzindo-a dentro em pouco a um montão de cinzas.

Esta igreja era rica de obras de talha, de quadros, de imagens, pratas, e de paramentos. Apenas se salvaram duas capellas, algumas imagens e paramentos.

Não ha victimas, mas calculam-se as perdas em 80 contos de reis.

A cidade, em meio da consternação que a dominava, prepara-se para, por meio de uma subscrição, reedificar a magestosa igreja.

Os medicos de Paris, em numero de 70, acabam de declarar-se a favor das Irmãs da Caridade, dirigindo ao Conselho de Assistencia Publica d'aquella cidade o seguinte escripto:

«Sr. Director Geral.—Nós abaixo assignados, medicos e cirurgiões dos hospitaes, com grande pezar acabamos de ter conhecimento da ultima decisão que tomou o Conselho de vigilancia da Associação Publica que pretende substituir em nossos estabelecimentos hospitalarios as *Religiosas* por empregados *leigos*.

«Considerando a questão sob o unico ponto de vista dos interesses dos doentes, estamos convencidos de que o sistema actual em vigor é preferivel áquelle que se pretende estabelecer. A experiencia que temos dos hospitaes levamos a afirmar que a presença das *Religiosas* nas nossas enfermarias e as funções que ellas alli exercem nunca deram logar a qualquer inconveniente de consideração. N'ellas sempre temos encontrado collaboradoras zelosas, disciplinadas, d'uma probidade incontestavel, e que em milhares de circumstancias tem dado prova inconcussa d'uma dedicação admiravel.

«O seu caracter d'algunha forma impessoal assegura a auctoridade que lhe é necessaria no comprimento de sua tarefa, e nós todos os dias podemos verificar que não sómente seus cuidados são apreciados por aquelles que os recebem, mas, o que é muito mais importante, que seu ministerio inspira uma confiança absoluta ás familias dos doentes.

«Vamos terminar, pedindo-vos que queiraes submeter em nosso nome estas considerações aos membros do Conselho de vigilancia; e dignai-vos acceitar, sr. Director Geral, a expressão de nossa alta consideração.

Paris 10 de março».

Seguem 70 assignaturas de medicos residentes em Paris, cuja lista omitimos por ser longa.»

J. DE FREITAS.

*Subscrição para o infeliz entrevado que deseja ir a Lourdes*

Transporte.....	6\$575
De um padre Açoriano.....	1\$050
De uma devota de Nossa Senhora de Lourdes.....	1\$500
Somma.....	9\$125

Continua aberta a subscrição.

IMPRESSA COMMERCIAL  
DE  
SANTOS CORREA & MATHIAS